



EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p83-98

## PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE NA PORNOCULTURA: NOTAS SOBRE AS *MILFS*

PEDAGOGIES OF SEXUALITY IN PORNOCULTURE:  
NOTES ON MILFS

PEDAGOGÍAS DE LA SEXUALIDAD EN LA PORNOCULTURA:  
NOTAS SOBRE MILFS

Luiz Felipe Zago<sup>1</sup>  
Thanise Guerini Atolini<sup>2</sup>

### DOSSIÊ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE  
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

## RESUMO

O presente estudo investiga, por meio de análise cultural (WORTMANN, 2002), as pedagogias da sexualidade de três vídeos do site estadunidense *YouPorn* classificados pelos próprios usuários no gênero pornográfico *milf* (mother's I'd like to fuck, em inglês) e *amateur* (amador). O *YouPorn* transpõe a lógica do *YouTube* para o universo pornô. Às usuárias e usuários é permitido criar um canal, produzir e avaliar conteúdos postados no site sendo amadores ou também atores/atrizes pornôs profissionais. Neste sentido, o objetivo do artigo é circunscrever a personagem pornográfica *milf* como uma pedagoga da pornocultura, que ensina sobre gênero, corpo, prazer, sexualidade e geração. Primeiramente, apresentaremos a *milf* que aparece nos vídeos analisados e, a seguir, caracterizaremos a pornocultura da internet.

## PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Gênero. Sexualidade. Pornografia.

## ABSTRACT

The present study investigates, through cultural analysis (WORTMANN, 2002), the pedagogies of sexuality of three videos from the American site YouPorn classified by the users themselves in the pornographic milf genre (mother's I'd like to fuck, in English) and amateur. YouPorn transposes YouTube's logic to the porn universe. Users are allowed to create a channel, produce and evaluate content posted on the site - whether they are amateurs or professional porn actors / actresses. In this sense, the objective of the article is to circumscribe the pornographic milf character as a pedagogue of pornoculture, who teaches about gender, body, pleasure, sexuality and generation. First, we will introduce the milf that appears in the analyzed videos and, next, we will characterize internet pornoculture.

## KEYWORDS

Body. Genre. Sexuality. Pornography.

## RESUMEN

El presente estudio investiga, a través del análisis cultural (WORTMANN, 2002), las pedagogías de la sexualidad de tres videos de la página estadounidense YouPorn clasificados por los propios usuarios en el género pornográfico MILF (madre que me gustaría follar, en inglés) y aficionado. YouPorn transpone la lógica de YouTube al universo porno. Los usuarios pueden crear un canal, producir y evaluar el contenido publicado en el sitio, ya sean aficionados o actrices/actores porno profesionales. En este sentido, el objetivo del artículo es circunscribir al personaje pornográfico de la MILF como pedagogo de la pornografía, que enseña sobre género, cuerpo, placer, sexualidad y generación. Primero, presentaremos la MILF que aparece en los videos analizados y, luego, caracterizaremos la pornografía en Internet.

## PALABRAS CLAVE

cuerpo; género sexualidad pornografía.

## 1 MULHERES “MAIS VELHAS” , MÃES, EROTIZADAS

*Mothers I'd like to fuck*, ou pela abreviação *milf*, é um dos gêneros pornográficos mais pesquisados por homens heterossexuais nas plataformas de vídeos pornôns na internet. Os dados produzidos pelo *Pornhub*<sup>2</sup> mostram que em 2018 o gênero pornô mães que eu gostaria de foder<sup>3</sup> está presente nas buscas feitas por homens heterossexuais de todas as faixas etárias, sendo a terceira categoria mais procurada entre os homens de 18 a 24 anos. A *milf* também continua a ser a busca mais popular de grupos de idade mais elevada, sendo o termo mais pesquisado entre os homens a partir de 45 anos pelo terceiro ano consecutivo, de acordo com os mesmos dados.

Inicialmente a expressão *mothers I'd like to fuck* surgiu para se referir às mulheres mães que são sexualmente desejáveis. A *milf* aparece primeiramente num contexto heterossexual como a mãe gostosa que desperta a cobiça sexual de adolescentes do sexo masculino. May Friedman (2015) aponta que a difusão do termo *milf* aconteceu no fim da década de 1990, com o filme *American Pie - a primeira vez é inesquecível*, lançado em 1999. A *milf* ficou marcada pela interpretação da atriz norte-americana Jennifer Coolidge com a personagem Jeanine Stifler, a atraente mãe de Steve Stifler (personagem vivido pelo ator Seann William Scott), cobiçada pelos amigos do filho, inclusive se relacionando sexualmente com um deles.

Segundo Friedman (2015), a *milf* apresenta um perfil muito singular de mulher sexualizada e é encontrada tanto em contextos pornográficos, quanto em outros espaços da cultura, em que a *milf* não está pornograficamente explícita, mas ainda assim aparece num contexto sexualizado e erótico. A autora destaca que num contexto geral a *milf* se refere à mulher ligeiramente mais velha<sup>4</sup>, experiente, que possui algum cuidado com o corpo e de quem se espera significativa proeza sexual. As *milfs* são em sua maioria mulheres brancas, geralmente de classe média alta e universalmente apresentadas em contextos heterossexuais.

Conhecida principalmente na cultura recente norte-americana, a *milf* se popularizou na internet, em especial em sites com conteúdos pornográficos, sendo amplamente prestigiada por pessoas de diferentes países. A indústria pornô, atenta às tendências, desenvolveu a *milf* como um gênero pornográfico. Inclusive o gênero pornô *milf* possui categorias específicas de premiação, ressaltando a relevância que ele tem para a indústria pornográfica, constituindo a *milf* como uma categoria a ser observada e premiada nos próprios eventos sobre as produções pornôns que se destacaram na indústria.

É importante salientar determinada articulação bastante particular que ocorre nos corpos das *milfs*: a das marcas do envelhecimento *versus* as exigências da indústria audiovisual pornô. Em muitos aspectos da cultura ocidental, ao corpo velho é forjado o lugar da abjeção (POCAHY, 2012), desde já expulso da categoria valorativa da juventude (GOLDENBERG, 2007). O corpo velho, abjeto, em

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>, acesso em 21 de novembro de 2019.

<sup>3</sup> Tradução livre.

<sup>4</sup> A locução adjetiva “mais velha”, assim como “pessoas comuns”, são colocadas entre aspas neste estudo para indicar a suspensão de seu sentido. O uso do termo mais velha acaba por dizer pouco, mas ainda é um termo que permite um apoio na linguagem disponível para poder explicar os aspectos sobre essas mulheres.

alusão ao trabalho de Fernando Pocahy (2012) seria aquele que estaria fora do consumo proposto pelo mercado do sexo. Seu estudo discute a abjeção dos corpos velhos de homens homossexuais, enfatizando as diferentes marcas corporais de abjeção nos corpos, sendo eles corpos velhos, gordos, deficientes ou em geral, considerados como “feios”, em que as marcas corporais abjetas somadas a homossexualidade evidenciam uma certa monstruosidade nestes sujeitos.

Jorge Leite (2012) destaca que determinados atravessamentos de gênero e sexualidade também são abjetos, principalmente àqueles que não seguem o enquadramento de sexo biológico, gênero e sexualidade, como discutido por Judith Butler. Sendo assim, pessoas homossexuais, bissexuais, intersexuais, travestis, transexuais, ou seja, pessoas que rompem com estes enquadramentos, são lidas como abjetas.

No que diz respeito às  *milfs*, que são mulheres mais velhas erotizadas, o atravessamento de gênero que ocorre em seus corpos poderia caracterizá-las também como abjetas, tortas, flácidas, enrugadas algo muito semelhante ao corpo das bruxas (OSÓRIO, 2007). Entretanto, os corpos das  *milfs* nos três vídeos aqui analisados se afastam desse lugar forjado culturalmente para os corpos velhos: trata-se de corpos industrializados, com intervenções cirúrgicas, marcas de feminilidade hegemônica maquiagem, roupas ; isto é, são corpos capturados pelo molde estético reiteradamente repetido da indústria pornográfica, cujo efeito é o apagamento das marcas de abjeção culturalmente atribuídas ao envelhecimento.

Ainda, nos três vídeos as  *milfs* praticam o sexo heterossexual, não sendo essa prática sexual considerada abjeta. Estas são  *milfs* cuja experiência sexual é menos visível na superfície de suas peles e mais observável na própria relação pedagógica com os homens, na qual buscam orientá-lo sobre o prazer feminino.

## 2 PORNOGRAFIA E CULTURA

Stuart Hall (1997) destaca que as tecnologias e comunicação digital marcam o nosso tempo de Idade Cibernética. As informações aparecem em grande número e chegam de forma cada vez mais rápida. Alex Primo (2006) aponta que a Web 2.0 é a segunda geração de serviços on-line e sua principal característica é a potencialização das formas de publicação, compartilhamento e organização das informações, o que conseqüentemente resulta na ampliação dos espaços para interação entre seus usuários. Compreendida como um período tecnológico que envolve uma série de novas estratégias mercadológicas, bem como novos processos de comunicação sob mediação do computador e outros dispositivos móveis.

Na Web 2.0 o pornô ocupa um papel de primeiro plano. Segundo Attimonelli e Susca (2017), a palavra mais digitada nos sites de busca é sex; 35% dos arquivos carregados possuem conteúdos pornográfico-eróticos e 12% dos sites de toda a internet são marcados pelo caráter sexual.

Parreiras (2015) também aponta dados estatísticos sobre o acesso de pornografia na internet, destacando que esses dados de uma maneira geral podem ser caracterizados por imprecisões, mas são muito úteis para desenhar um cenário desse consumo. Segundo a autora, algumas pesquisas

quantitativas apontam que em média 40% das atividades realizadas on-line envolvem algum tipo de conteúdo de sexo explícito (PARREIRAS, 2015). Podemos sugerir que a pornografia é uma das marcas que compõe a cultura da internet.

Parreiras (2015) aponta, ainda, que é notável o modo como o desenvolvimento das manifestações pornográficas sempre esteve associado ao surgimento ou adoção de novas tecnologias. A *cyberporn*, ou seja, qualquer material pornográfico que possa ser acessado no espaço cibernético, foi uma das primeiras atividades relacionadas com a web, mesmo que de forma mais reduzida como determinados sites, trocas de imagens eróticas, salas de bate-papo (chats). Neste sentido, a autora apresenta que a indústria pornográfica foi, com certa recorrência, a pioneira na experimentação de novas tecnologias, sendo uma espécie de *test drive* das novas mídias e que essa situação fica ainda mais evidente quando se trata de internet.

A indústria pornográfica aproveitou (e continua aproveitando) ao máximo as possibilidades decorrentes dos avanços tecnológicos sobre internet, estando por dentro das novas configurações de comunidades e redes sociais, ampliação dos dispositivos de conexão, abertura da internet a partir da democratização do acesso aos códigos de programação e a reconfiguração da díade consumidor-produtor (PARREIRAS, 2015). O pornô não só foi um pioneiro em usufruir dos avanços tecnológicos como também contribuiu para esses avanços. O mundo pornô na internet foi o responsável por inaugurar o sistema de assinaturas para acesso de conteúdos on-line e por ativar os meios de pagamentos por cartão de crédito dos mesmos (PARREIRAS, 2015).

A pornografia movimenta um amplo mercado, e inúmeras empresas da indústria pornográfica lucram com o consumo de materiais de sexo explícito. No entanto, a Web 2.0 possibilitou algumas mudanças neste cenário. Cada vez mais o espaço cibernético é enriquecido diariamente com milhões de conteúdos pornográficos autogerados, tornando os próprios consumidores, também produtores destes materiais.

Dois conceitos são importantes para tratar dos materiais pornográficos na internet. O primeiro é o *netporn*, marcado pela lógica de participação, interação e produção conteúdo colaborativo possibilitado pela Web 2.0, integrando características de comunidade no ambiente pornográfico on-line, como discute Parreiras (2015). O segundo conceito é o *porn on the net* que aloca na internet as produções pornográficas industriais, destacando e reiterando a tradicional e heteronormativa pornografia, com poucas alterações e inovações no que diz respeito às narrativas, a estética, padronização das práticas e corpos sexualizados.

Sobre o crescimento de conteúdo pornográfico autogerado compartilhado na internet por diferentes usuários e usuárias, Niels Van Doorn (2010) lista três fenômenos presentes na mídia e sociedade contemporânea de forma separada, porém ainda assim interligados, que nos auxiliam na análise do hiperconsumo e produção de conteúdo pornográfico.

O primeiro diz respeito à sexualização da cultura, em que o cinema, o design e a publicidade fletam com a estilística da pornografia, tendo ampla adesão na última década de aspectos desse estilo em diversas peças midiáticas, seja em filmes, propagandas, peças de roupas, novelas entre outros. O segundo é a obsessão com o mundano e a vida cotidiana das pessoas comuns, fato que levou a uma

enorme aceitação e prestígio dos programas *reality shows*, aderindo a uma ideia de valorização de experiências reais (SIBILIA, 2016).

No que diz respeito ao compartilhamento da intimidade, a vida sexual também se torna um aspecto potencial de espetáculo. Por último, o importante e marcante crescimento e desenvolvimento das tecnologias, principalmente a partir da segunda geração da internet: a já citada Web. 2.0.

A partir dessa mudança se desenvolve uma ideia de cultura participativa (JENKINS, 2009), em que, seja por meio das redes sociais ou as variadas ferramentas na internet, a intimidade é superexposta, a partir de ideia de *broadcast yourself*. Há sites que propiciam aos seus usuários e usuárias produzir e compartilhar seus materiais pornográficos com milhões de pessoas na rede. É o caso do *YouPorn*, analisado neste estudo.

Attimonelli e Susca (2017) entendem a pornografia como um território de experimentação do corpo, da sexualidade e do prazer, no qual a cultura está diretamente envolvida na formação das identidades sexuais e dos sujeitos de desejo. A pornografia na contemporaneidade está presente de forma massiva na vida de indivíduos de regiões e culturas diversificadas. Kenneth Plummer (2003 apud ATTWOOD, 2006) destaca que o sexo na contemporaneidade assume múltiplas formas e associações sociais. Está relacionado com prazer, estabelecendo e definindo relacionamentos, a estilos de vida, profissões e mecanismos de sujeição, abuso e violência.

Nesse sentido, a “sexualização da cultura” e do cotidiano vai além da pornografia apenas como um nicho de oferta midiática. É um eixo simbólico do nosso tempo e contexto ocidental; é a pornocultura contemporânea. O pornô ultrapassa as telas midiáticas, invadindo o cotidiano, as tramas da vida pública e interagindo cada vez mais com as tecnologias, infiltrando a sociabilidade contemporânea com diversas fantasias sexuais.

É uma espécie de pornificação do cotidiano, em que o íntimo e o compartilhado compõe um jogo de reversibilidade constante, uma infinidade de práticas que se regeneram, alterando as noções de privado-público, pessoal-coletivo. Os usuários e usuárias da Web 2.0 enriquecem cotidianamente o espaço cibernético com uma crescente quantidade de conteúdos de caráter sexual, alimentando sites cheios de vídeos e fotografias produzidas por amadores, que acima de tudo são os próprios usuários e usuárias desses espaços on-line. As relações sexuais-afetivas são superexpostas nas telas por meio da rede.

### 3 AS MÚLTIPLAS PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE DAS *MILFS*

Dado este contexto, realizamos análises de três vídeos selecionados do site *YouPorn*, classificados pelos próprios usuários e usuárias no gênero *milf* e no gênero *amateur* (amador). Investigamos quais as pedagogias da sexualidade (LOURO, 2000) postas em circulação na pornocultura constituem o corpo e as práticas da *milf*.

A *milf* enquanto um produto da pornocultura (ATTIMONELLI; SUSCA, 2017) e da economia do desejo (MISKOLCI, 2014) é atravessada por diferentes significados como corpo, sexualidade, gênero, geração e maternidade. É a partir destes que certas pedagogias da sexualidade constituem

os diferentes sujeitos desejanos. Na pornocultura as  *milfs*  são representadas como mulheres mais velhas, independentes, experientes sexualmente e aptas a transmitir esse conhecimento sexual ao seu parceiro.

Apontamos a  *milf*  como uma pedagoga da sexualidade na pornocultura: uma mulher experiente, que sabe como cuidar e educar sexualmente seus "alunos". A  *milf*  educa seus aprendizes, transmitindo suas lições e experiências sobre sexo, ao mesmo tempo que seu corpo, sua alma, seu comportamento, desejos e linguagens transmitem conhecimentos também.

## 4 A PROFESSORA

No vídeo 1<sup>5</sup>, a  *milf*  está representada no ambiente formal de educação, como a professora. A  *milf*  é uma mulher de 46 anos, que compartilha seus vídeos pornôis em seu canal no  *YouPorn* , nomeado  *MrsMischief* . A experiência sexual, marcada pelo fator geracional, é uma das principais características que constituem a  *milfe*  e ressignificam a mulher "mais velha". A professora  *milf*  se coloca no vídeo como uma mulher que sabe o que os garotos gostam.

Ela faz referência sobre a timidez de jovens garotos frente a uma mulher madura, sobre o nervosismo da primeira vez que gozam na boca de uma mulher, ressalta também que a professora irá ensinar e conduzir seu aluno para o aprendizado sexual. Esses elementos marcam uma relação de poder que envolve a questão da experiência e maturidade em oposição aos jovens tímidos, sem atitude e inexperientes na relação sexual, como destacado no Vídeo 1.

Neste sentido, as contribuições de Debert (2010) nos auxiliam a pensar sobre o fato da juventude se transformar num valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade. Buscar a juventude como valor requer aderir a determinadas formas de consumo de bens e serviços apropriados. A juventude não está ligada especificamente a um grupo etário e sim a um estilo de vida e o exercício da sexualidade é uma das formas de buscar essa juventude (DEBERT, 2010).

Na escola da pornocultura, mais do que ensinar determinados conteúdos e a alfabetização, a professora  *milf*  ensina o ABC sexual. Ela educa o sujeito aluno, inexperiente, conforme seu comportamento. Ela negocia os sentidos das relações que são proibidas, ensinando por meio de sua linguagem, atitudes e corpo os conteúdos que estão fora do currículo. A professora  *milf*  ensina ao seu aluno os conteúdos iniciais sobre o sexo. Se, na sala de aula, aprender o alfabeto representa um dos primeiros passos da educação formal, na sala de aula da pornocultura esses primeiros passos para um ABC sexual são marcados pela perda da timidez incentivada pela experiência de alguém formalmente preparado para educar.

5  *Teacher Craves Cum - milf teacher pov handjob & oral creampie* . Tradução livre: Professora implora por porra - professora  *milf*  masturbação pov e oral com gozo no rosto (creampie). Link de acesso: <https://www.youporn.com/watch/14375455/teacher-craves-cum-milf-teacher-pov-handjob-oral-creampie/>

## 5 A SÁBIA

Nos Vídeos 2 e 3 a *milf* não está vinculada ao ambiente formal de ensino, mas ainda assim compõem uma relação de ensino-aprendizagem com seu parceiro, que aborda também questões anatômicas e de prazer sobre o corpo feminino, as condutas sexuais a serem adotadas pelos homens heterossexuais no sexo, ensinamentos muitas vezes discretos, mas também explícitos pautados na experiência de uma mulher mais velha para educar jovens homens, iniciantes na vida sexual.

A *milf* do Vídeo 2<sup>6</sup> é uma mulher de 45 anos, de acordo com dados fornecidos pela própria atriz, que produz e compartilha seus vídeos no seu próprio canal no *YouPorn*, intitulado *Naughty at Home*. No Vídeo 2 a *milf* se dispõe a ajudar sua melhor amiga com um problema envolvendo o filho. O suposto problema é que o adolescente de 19 anos é virgem e não sai do banheiro devido à constante masturbação.

Assim, a *milf* se oferece para ajudar o filho de sua amiga numa iniciação sexual, apontando que uma mulher mais velha tem a experiência que ele precisa. Há uma certa passividade do homem no início da relação sexual, que fica nu deitado na cama, enquanto a *milf* faz sexo oral no mesmo. A *milf* é quem guia algumas ações na relação sexual. Controla o ritmo e incentiva seu parceiro em suas atitudes.

O acordo firmado entre a *milf* e sua amiga, para cuidar do filho dela, se refere ao cuidado sexual. O filho de sua amiga é um adolescente de 19 anos, "virgem". A iniciação sexual do adolescente acontece por meio de atos masturbatórios e por isso a *milf* se dispõe a resolver o problema. Disposta a oportunizar ao adolescente ter uma relação sexual de verdade, sobretudo com uma mulher mais velha. A experiência sexual a partir da questão geracional é novamente uma das marcas que constituem a *milf*.

A educação sexual do adolescente não acontece aqui relacionado ao ambiente formal de educação ou nos aprendizados com a sua professora, mas sim na troca de experiências sexuais com uma mulher mais velha, disposta e paciente a ajudar um adolescente virgem a conhecer os prazeres do sexo, dos corpos e dos desejos, ensinando-o as primeiras descobertas da sexualidade. A *milf* do Vídeo 2 orienta o adolescente sobre o que fazer e onde colocar o seu jovem pênis. Para solucionar o problema de não sair do banheiro de tanto se masturbar, é necessária a experiência de uma mulher mais velha, para saber conduzir e educar sexualmente esse homem em como se relacionar.

É a experiência sexual de uma mulher mais velha a principal contribuição para educar o virgem. Há uma ressignificação da mulher mais velha na pornografia, quando a *milf* coloca em sua fala que vai mostrar o que uma mulher mais velha pode fazer por este homem. Sua trajetória sexual é seu principal conteúdo didático e os jovens homens heterossexuais seus principais aprendizes, como sugere o Vídeo 2.

A pornografia industrial se direciona para a divisão binária dos gêneros, opondo os polos ativo e passivo. Sarmet (2015) destaca o quanto a pornografia tradicional posiciona as mulheres na relação sexual como passivas, submissas, enfatizando uma maior importância ao prazer e desejo sexual do homem heterossexual. Essas narrativas acabam por colocar o prazer e desejo feminino em segundo plano (SARMET, 2015).

6 *Wife Shows How to Fuck*. Tradução livre: Esposa mostra como foder. Link de acesso: <https://www.youporn.com/watch/427513/wife-shows-how-to-fuck/>

Destacamos, ainda, o quanto essas análises, referentes ao que se coloca no Vídeo 2, podem ser complexas. A passividade do homem pode enfatizar seu desejo de ter prazer sem desempenhar qualquer esforço para atingir isso, pois terá uma mulher sexy e experiente ao seu dispor. Sobre os filmes pornográficos do gênero *milf*, em especial aqueles produzidos pela indústria, as mulheres *milfs* são representadas como independentes financeiramente, como sedutoras, determinadas, experientes, desenvolvendo um perfil sexual de uma mulher com mais atitude, principalmente na relação sexual, como apontam Vannier, Currie e O'Sullivan (2014).

Entretanto, reconhecer que existem alguns tensionamentos de gênero, corpo e sexualidade nessas narrativas não significa dizer que não há mais a intenção de centralizar o prazer masculino e que a partir disso de forma quase que instantânea o foco do prazer e desejo sexual é exclusivamente feminino. Quando apontamos que alguns tensionamentos podem ocorrer nessas narrativas, entendemos que são apresentadas outras formas das mulheres se relacionarem sexualmente.

Narrativas como a do Vídeo 2 apresentam um perfil de mulher determinada sexualmente, ativa, experiente e que ensina e controla a relação sexual de ambos os corpos. Uma mulher que sabe o que está fazendo, que sabe agradar um homem, mas sabe também o que fazer com seu próprio corpo e seu prazer. É importante destacar ainda, como apontam Baltar e Barreto (2014), que para muitas mulheres despertar o desejo sexual no outro e agradar sexualmente seu parceiro, é um aspecto fundamental para o seu próprio prazer e desejo. Por isso as discussões sobre sexualizar-se ou pornificar-se sempre acontecem de forma nebulosa e escorregadia.

## 6 A MADRASTA EXPERIENTE

O Vídeo 3<sup>7</sup> é intitulado *Wicked Sexy Melanie*. A *milf* é uma mulher de 65 anos e, no vídeo, não está vinculada ao ambiente formal de ensino. No Vídeo 3, a *milf* representa a madrastra que ensina seu enteado sobre relação sexual. Nos ensinamentos, a *milf* destaca determinadas áreas erógenas do corpo feminino, enquanto toca seu corpo, mostrando e exemplificando para a câmera como fazer o toque nessas diferentes regiões corporais.

Apesar da *milf* ser uma mulher de 65 anos, idade acima do que comumente é percebido entre as atrizes *milfs* da indústria pornográfica, que estão na faixa etária de 30 a 45 anos, a *milf* do Vídeo 3 não se encaixa na ideia de erotização dos corpos velhos abjetos. Mesmo tendo marcas sutis de envelhecimento, como o peitoral com uma pele um pouco mais flácida, seios pequenos e levemente caídos, a atriz do Vídeo 3 ainda assim corresponde a diversos padrões de corpos industrializados da pornografia audiovisual.

É uma mulher branca, magra, depilada e maquiada, atendendo às várias marcas de feminilidade inscritas culturalmente nos corpos femininos. Neste sentido, apesar de ser um corpo velho, feminino, erotizado, não corresponde às marcas de abjeção, e sim às de valorização da juventude. Sobre o corpo e prazer feminino conforme o que consta na fala da *milf*, já é possível perceber alguns aspectos bem interessantes que podem tensionar algumas questões, mesmo sem a devida intenção.

<sup>7</sup> *Son Asks Stepmom To Teach Him How To Fuck*. Tradução livre: Filho pede a madrastra para ensiná-lo a foder. Link de acesso: <https://www.youporn.com/watch/12824985/son-asks-step-mom-to-teach-him-how-to-fuck/>

Abreu (1996) apresenta uma listagem dos principais atos sexuais presentes nas narrativas pornográficas industriais, marcadas pela heteronormatividade e a centralização do prazer masculino. O prazer feminino na maioria das narrativas pornográficas está diretamente ligado à penetração do pênis na vagina e não em outras formas de prazer e exploração do corpo feminino. Conforme destaca Sarmet (2015), o pênis é o protagonista na maioria das narrativas pornográficas produzidas pela indústria pornô.

No entanto, alguns elementos presentes no Vídeo 3 são interessantes de se pensar. Nesse caso, é importante pensar nas pedagogias da sexualidade (LOURO, 2000), e no quanto os corpos, as práticas sexuais, os desejos, os prazeres também são constituídos por diferentes culturas, tempos e espaços e constituem diferentes sujeitos de desejo.

O Vídeo 3 apresenta em sua narrativa atos sexuais que ocorrem usualmente na pornografia industrial, sexo oral da mulher no homem, bem como a penetração do pênis na vagina. Contudo, há alguns elementos que são deslizantes, que de uma maneira ou de outra, apresentam outras opções na relação sexual. A primeira delas é a *milf* abordar alguns aspectos que envolvem a excitação e o prazer da mulher. Em sua fala, algumas regiões corporais são ressaltadas como interessantes para serem tocadas, visando excitar as mulheres.

Entre essas regiões, a *milf* cita os braços, as axilas, o pescoço. É interessante pensar que na fala e na demonstração corporal da *milf* há um certo tipo de incentivo para que outras partes do corpo possam ser exploradas, visando um prazer e excitação desse corpo feminino, diferente do que comumente está presente nas produções da indústria pornô. Mas nesta mesma fala há referência ao toque e lambidas nos seios e mamilos, região do corpo feminino excessivamente sexualizada, não só na pornografia, mas na publicidade e *design* em geral, como apontado por Abreu (1996).

As primeiras instruções da *milf* para ensinar a fazer sexo são sobre o que fazer com o corpo feminino e não com o próprio pênis. Para ensinar o enteado a ter relações sexuais, as primeiras menções são para que ele tenha atenção sobre as partes do corpo feminino que ao serem tocadas podem dar prazer para a mulher. Ainda salienta que as mulheres podem reagir de formas diferentes aos toques, quando, por exemplo, coloca que algumas mulheres podem se sentir perdidas com certas investidas no pescoço, ressaltando o quanto é importante que o homem esteja atento a essas reações, de forma a explorar as partes corporais que façam com que as mesmas se sintam como deusas ou a mulher mais linda do mundo.

Mais interessante ainda é pensar que a *milf* ao ensinar a prática sexual, priorizou o prazer feminino, ampliando e diversificando as áreas erógenas do corpo feminino, não restringindo os toques apenas nos seios, mamilos, vulva, vagina. Pelo contrário, ensina que áreas como os braços e axilas podem ser interessantes de serem tocadas, justificando que são regiões sensíveis e com muitas terminações nervosas. Destacamos a ideia de que a *milf* não corrobora com certa timidez corporal feminina, mas, sim, numa expansão corporal, explorando diferentes aspectos do próprio corpo e prazer.

Na pornocultura encontra-se uma variedade de possibilidades de experiência sexual, inclusive aquelas mais problemáticas que envolvem sujeição, abuso e violência. É por meio do pornô que muitos aspectos são negociados, como acontece com a *milf* do Vídeo 3, colocando em disputa questões que

associam a sexualidade, o corpo feminino e a maternidade. Em sua fala não está presente que o toque e exploração do seio materno, como uma área erógena, deva ser evitado, pelo contrário, há um incentivo para que se descubra os prazeres e sensibilidades que o toque nessa região pode trazer à mulher.

A *milf* incentiva e ensina que o seio da mulher mais velha, principalmente as que passaram pela experiência recente da amamentação, é uma região interessante de ser chupada e lambida, evidenciando que pode ser muito divertido, inclusive lembrando de tocar ambos os seios.

Como aponta Meyer (2003), há diferentes estratégias educativas que apostam na redução do sujeito mulher ao sujeito mãe. Investem que a principal identidade da mulher é ser mãe, correspondendo a algo essencial de sua natureza feminina, em que assumir a posição de cuidadora ideal e qualificada é o principal dever e destino para uma mulher. Essas estratégias acabam por constituir comportamentos e sentimentos nas mulheres-mães, em que parece não haver espaço para outras identidades, outros comportamentos, inclusive quando se diz respeito ao exercício da sua própria sexualidade.

É possível apontar que, segundo as colocações da *milf* do Vídeo 3, para ter e dar prazer é importante que se conheça o corpo. Ao contrário do que muitas vezes se ensina às mulheres, sobre uma timidez corporal ou contenção do próprio corpo, a *milf* como uma pedagoga da pornocultura ensina pela sua fala e seu comportamento que conhecer o corpo é uma das formas de se ter mais prazer.

A *milf* manipula sua vagina, abrindo os grandes lábios, mostrando seus detalhes, enquanto continua com as demonstrações e explicações, manipulando o clitóris e penetrando os dedos na vagina. Realiza um certo tipo de apresentação do corpo feminino, oferecendo algumas instruções anatômicas, sobre os prazeres e desejos que cada mulher pode referir sobre sua própria sexualidade.

Ao abordar a *milf* como uma pedagoga da pornocultura, é possível perceber diferentes ensinamentos sobre sexualidade. Em especial, a *milf* do Vídeo 3 mescla essas abordagens distintas sobre uma educação sexual e pedagogias da sexualidade que constituem sujeitos de desejo. Na sua fala há referência às questões anatômicas sobre o corpo feminino, citando os grandes e pequenos lábios da vagina, o clitóris, as várias dobras e formas que pode ter a vagina de uma mulher.

É uma educação sexual que aborda o corpo feminino por um viés biológico, tal como acontece em alguns currículos escolares (FURLANI, 2008). Por outro lado, essas questões anatômicas são abordadas a serviço do prazer e do desejo daquele corpo, quando ela faz menção de que para estimular o clitóris é preciso um toque mais suave, bem como fazer uso da língua durante o estímulo, não priorizando um envolvimento sexual com foco reprodutivo, mas sim prazeroso e afetivo.

## 7 UMA PEDAGOGA PORNÓGRAFA

As instruções da *milf* são as pedagogias da sexualidade presentes na pornocultura, que constituem diferentes corpos, práticas, prazeres e sujeitos desejantes. Em que não há barreiras para se discutir, aprender e ensinar sobre os desejos e prazeres que o corpo pode dar e desfrutar. Há uma educação sexual com certo viés biológico, para que se conheça a matéria daquele corpo, suas diferentes formas, dobras, temperaturas; mas, sobretudo, esse conhecimento biológico é necessário para que se possa compreender quais as reações e prazeres aquele corpo demanda.

As pedagogias da sexualidade oriundas da pornocultura evidenciam que o prazer é a máxima e não a reprodução. A *milf* instrui para que se conheça o corpo e para que se descubra os desejos dele. Ao ensinar sexo, é necessário que se ensine sobre a mecânica do prazer dos corpos em ação, principalmente do corpo feminino.

Mostrar anatomicamente a vagina, o clitóris, evidenciar como tocar essas regiões mostrando para a câmera, todos esses comportamentos colocam de certa forma uma centralidade também no prazer da mulher, não excluindo obviamente o prazer masculino. Diferente de como acontece no Vídeo 2, em que a *milf* ensina o que fazer com o pênis, os ensinamentos presentes nos Vídeos 3 e 1 são a exploração do corpo feminino e descoberta de formas que deem prazer à mulher, quando a *milf* do Vídeo 3 chama a atenção para que o parceiro sexual fique atento aos sinais que a mulher pode dar ou não como respostas às investidas e estímulos sexuais.

Assim como o Vídeo 2, no Vídeo 3 a *milf* também conduz em determinados momentos o homem em suas ações sexuais, ela o incentiva nos seus acertos, quando diz que está fazendo do jeito certo sobre a penetração do pênis na vagina, como também solicita mudanças no ritmo da atividade sexual, por exemplo.

Também há a valorização da experiência sexual de uma mulher mais velha, em oposição às mulheres mais novas. O homem do Vídeo 3 afirma ter dúvidas de querer se envolver com outras mulheres mais novas após ter experimentado transar com uma mulher mais velha, madura sexualmente.

Apesar de chamar a atenção para variação nas formas de desejo e prazer das mulheres, bem como outras práticas sexuais e partes de corpo que podem ser exploradas, a *milf* em alguns momentos também reitera a heterossexualidade e principalmente a penetração masculina como sinônimo de sexo. A *milf*, ao final do Vídeo 3, diz em seu diálogo com o ator com quem contracenava que se propõe a avaliar os conhecimentos adquiridos do seu parceiro sexual, atestando que ele se formou e terá seu diploma assinado.

Porém, no momento do teste, de colocar em prática os conhecimentos anteriormente aprendidos, a única prática sexual utilizada pelo homem é a penetração de seu pênis na vagina da *milf*. Não há outras práticas sexuais, apenas variadas posições de penetração vaginal. Não há toques e exploração do corpo feminino, de outros prazeres. No Vídeo 3, a *milf* se encarregou de ficar pronta, excitada para continuar a relação sexual e ao homem ficou a comum tarefa de penetrar seu pênis na vagina, assim como tradicionalmente é narrado pela indústria pornô.

Essas questões são interessantes, pois remetem à ideia de que a *milf*, como uma pedagoga da pornocultura, ensina sobre sexo, sexualidade, corpo, desejos e prazeres, mas sem perder de vista os ensinamentos heteronormativos que também estão presentes práticas sexuais hegemônicas, responsáveis por reconhecer e legitimar o que é sexo do jeito certo.

## 8 À GUIA DE CONCLUSÕES

Os três vídeos selecionados contêm títulos que vinculam a *milf* à educação sexual ou a um determinado conhecimento e experiência sexual. Nesse sentido, a pornocultura desenvolve algumas estratégias para associar a *milf* à educação: a *milf* pode ser uma mulher mais velha, madura que se relaciona sexualmente com homens mais jovens para ensiná-los sobre a prática sexual, sendo então

essa experiência adquirida ao longo da vida, seu principal diferencial enquanto sujeito sexual; a *milf* como a madrasta que é responsável pela criação e educação daquele sujeito, por isso ensina também sobre as relações afetivas e sobretudo sexuais; a *milf* como a professora, como a porta-voz do conhecimento e experiência no sexo, apta a ensinar e formar aquele homem em sua vida sexual. Foi a partir dessas balizas que desenvolvemos a proposta da *milf* como uma pedagoga da pornocultura.

A *milf* como uma pedagoga da pornocultura ensina sobre sexualidade, corpo, gênero, geração, prazer, ressignificando a mulher mais velha e destacando sua experiência sexual como um elemento erótico. A *milf* tensiona algumas pedagogias da sexualidade centralizando o prazer em diferentes estímulos do corpo feminino, prazer este que deve ser buscado na relação heterossexual. Por outro lado, a *milf* como personagem da pornocultura reitera que a penetração do pênis na vagina é a principal forma de obter este prazer.

A *milf* negocia alguns significados de gênero nas narrativas pornográficas, apontando que a mulher deve conhecer seu corpo e seu prazer, sendo um sujeito ativo na relação sexual, como também afirma práticas e condutas sexuais conformadas pela indústria pornográfica, evidenciando o quanto a *milf* enquanto produto da pornocultura e da economia do desejo é uma que, de modo complexo, articula sentidos de corpo, gênero, sexualidade e geração tensionando, inclusive, a suposta abjeção dos corpos velhos femininos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ATTIMONELLI, Claudia; SUSCA, Vincenzo. **Pornocultura: viagem ao fundo da carne**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

ATTWOOD, F. Sexed up: Theorizing the sexualization of culture. **Sexualities**, p. 77–95, 2006.

BALTAR, Mariana; BARRETO, N. M. C. As pornificações de si em diário da putaria. **Crítica Cultural**, v. 9, p. 265-275, 2014.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, dez. 2010.

DOORN, Niels Van. A. J. M. **Digital spaces, material traces: Investigating the Performance of Gender, Sexuality, and Embodiment on Internet Platforms that feature User-Generated Content**. 2010.

FRIEDMAN, May. Unpacking MILF: Exploring motherhood, sexuality and feminism. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture and Social Justice**, v. 36, n. 2, p. 49-60, 2015.

FURLANI, Jimena. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, Unicamp, Campinas, SP, v. 19, p. 111-131, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19-40.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul.-dez. 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEITE JÚNIOR, J. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Revista Estudos Feministas**, UFSC, v. 20, p. 559-568, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

MEYER, Dagmar E. E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n.3, p. 38-52, 2003.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014.

OSÓRIO, Andréa. O corpo da bruxa. *In*: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19-40.

PARREIRAS, C. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. 2015. 267f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2015.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. **Revista Estudos Feministas**, UFSC, v. 20, p. 357-376, 2012.

PORNHUB. **PORNHUB'S 2016 Year in Review**. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>. Acesso em: 26 mar. 2019.

PORNHUB. **PORNHUB'S 2017 Year in Review**. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>. Acesso em: 26 mar. 2019.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais...**, 2006.

SARMET, Erica R. Sin porno no hay posporno: corpo, excesso e ambivalência na América Latina. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu** – a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VANNIER, S. A.; CURRIE, A. B.; O’SULLIVAN, L. F. School girls and soccer moms: A content analysis of free “teen” and “MILF” online pornography. **Journal of Sex Research**, v. 52, p. 253-264, 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Análises culturais - um modo de lidar com histórias que interessam à educação. *In*: COSTA, Marisa, Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002, p. 73-92.

---

**Recebido em: 30 de Outubro de 2019**  
**Avaliado em: 5 de Novembro de 2019**  
**Aceito em: 10 de Novembro de 2019**

---



A autenticidade  
desse artigo pode ser  
conferida no site  
<https://periodicos.set.edu.br>

---

1 Doutor e Mestre em Educação, bacharel em Comunicação Social. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.

2 Mestre em Educação, licenciada em História (Universidade Luterana do Brasil).



Este artigo é licenciado na modalidade  
acesso aberto sob a Atribuição-Compartilha  
Igual CC BY-SA